

As Festas Juninas

A lenda diz que os fogos de artifício que estouram no dia 24 de junho (dia de São João), são para "acordar o santo". Absurdo, como todas as lendas, mas explica porque São João deve ser lembrado: **"no seu dia, ele adormeceu para não ver as fogueiras em sua homenagem. Se as vesse desceria a terra, incapaz de resistir à tamanha consideração da parte dos devotos"**. Existem diversas tradições e histórias a respeito dos "santos juninos", os mais cultuados no Brasil em função do apelo popular de suas festas que, em algumas regiões, alcançaram âmbito internacional. As crenças são tão arraigadas que alguns fabricantes de imagens de Santo Antônio fazem-nas separadas do menino Jesus para facilitar às moças separá-los, prometendo juntá-los só depois de casadas. Lendas à parte, a verdade é que, na madrugada do dia 13 de junho, muitas simpatias são feitas para amolecer corações renitentes.

Pedro, o impulsivo apóstolo que cortou a orelha do servo do sumo-sacerdote, é cultuado no dia 29 de junho como protetor das viúvas e pescadores. As festas pedrinhas restringem-se às fogueiras (em forma triangular), fogos de artifício e o tradicional "pau-de-sebo", que fazem a alegria dos jovens e divertem os adultos. Um trecho de conhecida oração a São Pedro diz: **"gloriosíssimo São Pedro, creio que vos sois uma importante coluna da Igreja, o pastor universal de todos os fiéis, o depositário das chaves do céu, o verdadeiro vigário de Jesus Cristo..."** Essas afirmações denotam o grau de devoção dos fiéis a esse apóstolo, um dos três nomes mais presentes no ministério de Jesus. Sua festa é uma das mais antigas e importantes do ano litúrgico do catolicismo romano. Segundo registros guardados na basílica de São Pedro, no Vaticano, as festividades pedrinhas foram introduzidas no sistema cútico do romanismo antes mesmo do Natal, finais do século terceiro, quando a solenidade principal era observada nas catacumbas de Roma, lugar de sepultamento dos cristãos martirizados pela perseguição imperial nos primeiros séculos do cristianismo.

Origem

O Brasil é uma terra fértil, tanto literalmente como no sentido figurado. Um país onde florescem tradições religiosas dos quatro cantos do mundo e continua recebendo tantos quantos desejarem instalar aqui a sua fé. Com as festas juninas não foi diferente. Vieram da Europa trazidas pelos portugueses, que cultuavam São João numa festa chamada "joanina" desde o século quarto. Ao chegar às terras brasileiras o nome evoluiu para "Junina", havendo ainda a introdução de comidas típicas como a mandioca, milho, leite de côco, jenipapo, licores, pé-de-moleque, pipoca e tantas outras guloseimas regionais próprias da dieta indígena e dos negros escravos. Em função dos costumes que se confundiam com as comemorações juninas, quadrilha, boi-bumbá, tambor-de-crioula, frevo etc., as festas estenderam-se por todo mês de junho, incorporando nesses dias os santos mais populares, Antônio e Pedro, além de São Francisco de Portugal, Santo Onofre, Santa Alice, São Manuel, São Marcos, São Tomás, São Bento e outros, mais de cem homenageados.

O aspecto caipira das Festas Juninas é uma exclusividade brasileira, o casamento, os balões, o quentão, as músicas, danças e tantos outros atrativos ganharam força em virtude da índole extrovertida do povo, resultado da acentuada miscigenação de raças e riquezas do folclore, vindas de civilizações tão antigas como Egito, Suméria, Pérsia e China, introdutora dos fogos de artifício. Apesar da beleza e do apelo folclórico de seus ingredientes, as Festas Juninas são comemorações religiosas estreitamente ligadas “as festividades pagãs antigas” e conservam até hoje algumas de suas características, muito distanciadas do genuíno cristianismo bíblico. Há garantias históricas de que essas festividades são conseqüências de comemorações idênticas para saudar o “solstício de verão” na Europa, Oriente Médio e Norte da África, observadas também entre os pagãos celtas, bretões, bascos, sardenhos e outros, cujas expressões religiosas estavam no uso das cores, nas vestimentas, nos altares e nas próprias casas.

Como todo culto religioso do paganismo antigo, os antecessores das Festas Juninas eram também rituais à fertilidade, quando se buscavam favorecimentos dos deuses para o crescimento da vegetação, fartura das colheitas e reprodução animal, atividades que se intensificavam no verão. As festas religiosas populares introduzidas pelo catolicismo romano receberam elementos do paganismo constituindo um ciclo de comemorações iniciado com o nascimento de Jesus e encerrado com sua paixão e morte. Assim, o Natal, a Páscoa e as homenagens aos santos de junho fazem parte do ciclo denominado Festas Juninas, que têm maior expressão nos dias 13, 14 e 29 com os cultos a Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo. Segundo a Tradição, João (o Batista), nasceu em 24 de junho, dia do solstício de verão. Um historiador escreveu o seguinte: **“esses rituais, apesar de serem considerados pagãos, não poderiam ser apagados da memória dos povos. Então, a igreja Católica resolveu adaptá-los às comemorações das festas de São João, nascido no dia do solstício”** (Revista Santo do Dia, p. 6).

As festas dos solstícios de inverno e verão têm origem no caráter de oposição dessas duas estações. No inverno, a natureza “morria”, os dias ficavam cinzentos e o frio encerrava todos no interior de suas casas. Os animais hibernavam e as vacas diminuía a produção do leite, diminuindo a atividade biológica. Com a chegada da primavera, via-se o reboto, era o tempo do plantio, que atingia sua exuberância no verão. Os deuses, cultuados em cada uma das estações, também tinham características próprias de seu caráter e personalidade, conforme a “cara da estação”, podendo ser iracundos, impulsivos, vingativos, cruéis, imperdoáveis ou mansos, compreensivos bondosos, compassivos, tolerantes e misericordiosos. Os cultos foram adaptados à personalidade de cada santo, conforme as personalidades dos deuses. Uns gostam de festas mais ruidosas, outros de uma devoção mais contrita e há os que preferem adoração mais exclusiva, extrema, cheia de promessas, sacrifícios e oferendas. O fiel consegue identificar-se e dá preferência a esse ou aquele, iniciando um relacionamento ou “devoção”, conforme as profissões dos fiéis ou o carisma do santo.

Além do culto, há nas festas a questão simbólica, também oriunda do paganismo e presente nas concepções religiosas esotéricas e ocultistas, com significados místicos e origens lendárias, difíceis de precisar ao longo da história. A fogueira é o exemplo mais comum do uso da simbologia ocultista nas homenagens aos santos juninos. O fogo, presente nos rituais religiosos desde eras remotas, é sempre o símbolo da purificação, o elemento consumidor da impiedade dos homens e

representação do instrumento perpetuador do juízo. O ato de comer, beber e dançar nestas festas, é uma herança dos cultos pagãos às divindades femininas, com vistas à fertilidade; cultos sempre impregnados de sensualidade e luxúria, apropriados aos sistemas cúlticos das civilizações antigas.

O Que Diz a Bíblia

É incontestável que toda a ritualística da Missa, os parâmetros sacerdotais, as festas "cristãs" e as tradições têm origem na religião primitiva da Babilônia cujas práticas espalharam-se pelo mundo desde a antiguidade. A Bíblia é clara quando proíbe esse amálgama de crenças e não contempla quaisquer chances de homens bons morrerem, tornarem-se santos e intercederem pelos vivos. Diz a Bíblia:

⁵ Assim diz o SENHOR: "Maldito é o homem que confia nos homens, que faz da humanidade mortal a sua força, mas cujo coração se afasta do SENHOR.
Jeremias 17.5

Essa "confiança" depositada em homens caracteriza as religiões criadas (não-cristãs), antigas e modernas, comandadas pelo sistema babilônico, de quem diz a Bíblia:

⁷ A verdade é que o **mistério da iniqüidade** já está em ação, restando apenas que seja afastado aquele que agora o detém.
2 Tessalonicenses 2.7

¹⁰ Ele fará uso de todas as formas de **engano da injustiça** para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar.
2 Tessalonicenses 2.10

Colocado em movimento por Satanás para confundir e engodar os cristãos fiéis.

Na sua carta aos Romanos, Paulo descreve o estado religioso do Império por volta do ano 60, partindo da sua experiência pessoal com o paganismo em toda a Ásia e parte da Europa (ele escreve de Corinto), a justificação pela fé. Ele começa com a constatação fundamental de que todos os homens são pecadores e faz uma descrição dos pecados daquele povo, sua idolatria e imoralidade. Diz ele:

²³ e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. ²⁴ Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. ²⁵ Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém.
Romanos 1.23-25

O que o apóstolo pretende dizer com "trocaram a glória do Deus imortal? Por que diz "semelhança do homem mortal"? Está claro que Paulo refere-se ao culto aos santos e a reverência que os cristãos romanos prestavam às imagens, semelhante à adoração dos pagãos, uma vez que a carta fora escrita aos crentes:

⁷ A todos os que em Roma são amados de Deus e chamados para serem santos: A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.
Romanos 1.7

Chamo a atenção para um fato importante em relação a essa mudança doutrinária imposta pelo catolicismo romano e que desfigurou a verdadeira prática bíblica com a introdução do culto aos santos. O fundamento do cristianismo, que faz dele a verdadeira religião de Deus é que, no paganismo, há milhares de mediadores e no cristianismo existe apenas um que é Cristo, ungido de Deus especialmente para isso. Colocar qualquer outro intermediário a quem os cristãos possam fazer petições e alcançarem favores espirituais é desfigurar essa verdade e banalizar o sacrifício de Jesus no Calvário, atribuindo a homens a mesma função de Cristo sem que eles tenham pagado o preço do sangue exigido para justificação e o perdão dos pecados. Por isso, a devoção a imagens e ídolos é proibida pela Bíblia:

⁴ "Não se voltem para os ídolos, nem façam para si deuses de metal. Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês.

Levítico 19.4

O apóstolo João, lutando contra a ameaça do gnosticismo que rondava os cristãos de uma comunidade da Ásia Menor recomenda, enfaticamente, no último versículo da sua epístola:

²¹ Filhinhos, guardem-se dos ídolos.

1 João 5.21

A conversão do pagão era caracterizada pelo abandono da idolatria:

*⁹ pois eles mesmos relatam de que maneira vocês nos receberam, e como se **voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro,** ¹⁰ e esperar dos céus seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir.*

1 Tessalonicenses 1.9,10

Continuar na prática da idolatria era uma forma de contaminação e o evangelista Lucas sabia disso. Preocupado, escreveu os Atos dos Apóstolos recomendando aos cristãos do Império Romano a:

²⁰ Ao contrário, devemos escrever a eles, dizendo-lhes que se abstenham de comida contaminada pelos ídolos, da imoralidade sexual, da carne de animais estrangulados e do sangue.

Atos 15.20

O que significa não participar de cultos estranhos e abster-se de consumir comida oferecida aos ídolos, cuidado especial que Paulo também teve em relação aos romanos:

¹⁵ Se o seu irmão se entristece devido ao que você come, você já não está agindo por amor. Por

causa da sua comida, não destrua seu irmão, por quem Cristo morreu.

Romanos 14.15

E aos Coríntios:

¹⁰ *Pois, se alguém que tem a consciência fraca vir você que tem este conhecimento comer num templo de ídolos, não será induzido a comer do que foi sacrificado a ídolos?*

1 Coríntios 8.10

² *Vocês sabem que, quando eram pagãos, de uma forma ou de outra eram fortemente atraídos e levados para os ídolos mudos.*

1 Coríntios 12.2

Através do testemunho implacável da História, conclui-se duas verdades incontestáveis:

- 1- A Missa católica é uma analogia ao culto pagão babilônico, com seus rituais, paramentos, objetos e ladainhas. Pode-se dizer que o catolicismo romano incorporou em seu culto a ritualística daquele povo, criando novas modalidades de adoração ao sabor da cultura religiosa vigente entre massas pagãs do vasto Império Romano.
- 2- A iniciativa de "encampar" o paganismo, dando-lhe feições cristãs, foi uma forma de revitalizar o poderio religioso da cúpula sediada em Roma, unindo a Igreja e o Estado a qualquer preço para atender os interesses comuns que, diga-se de passagem, não era propriamente o de salvar almas conforme preconiza o evangelho de Cristo. As festas pagãs serviram muito bem a esse propósito por ser um apelo ao gosto popular, com adesão certa e garantida, apesar da Bíblia afirmar que a Babilônia era:

³⁸ *... uma terra de imagens esculpidas, e eles enlouquecem por causa de seus ídolos horríveis.*

Jeremias 50.38

Assim, as Festas Juninas não passam de um paralelismo com os cultos pagãos a Júpiter, protetor da cabeça, associado a São João, que na visão católica é também protetor da cabeça; Mercúrio foi associado a Paulo; Pedro foi tão identificado com Júpiter que até hoje, em Roma, uma estátua desse deus é adorada como se fosse Pedro. Além disso, ele tem as chaves para abrir as portas do céu, atribuição dada pelos pagãos Jano e Cibele. A propósito das chaves, elas são também símbolos esotéricos que abrem as portas do conhecimento e estão presentes no brasão pontifício junto à insígnia da sua autoridade espiritual. O mastro de São João está ligado ao totemismo, prática religiosa que colocava a figura dos deuses na ponta de altas estacas apontadas para o céu.

Encerramos esse estudo com uma mensagem aos crentes em Cristo Jesus.

Os conhecedores da Palavra de Deus devem acautelar-se quanto às "festas cristãs". Muitos participam de Festas Juninas ou permitem que seus filhos participem, um erro doutrinário a ser evitado para não fugir aos ensinamentos da Bíblia. Os católicos romanos devem reconhecer que, contra fatos históricos não há argumentos. As práticas sucedâneas do paganismo não podem se justificadas como tradição, nem vistas como algo aceitável aos olhos de Deus. Devemos ser prudentes e seletivos em nossas práticas do dia a dia, pois nem todos os que dizem Senhor! Senhor! Entrarão no Reino dos Céus.



ASSEMBLÉIA DE DEUS
SERRINHA